

Afirmativa

Ano 10 • Nº 50 • AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

plural

Formando
para a Vida



(Crédito sujeito a aprovação).



Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022

SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383

SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099

Ouvintoria: 0800 727 9933

bradesco.com.br @Bradesco facebook.com/Bradesco

Abra um Bradesco só para você.



Com o Bradesco Celular, você consulta saldo e extratos, faz transferências, empréstimos e até pagamento de contas.
E sem gastar os créditos do seu celular.

Baixe o aplicativo e abra seu Bradesco.



Bradesco

Tudo de BRA para você.

ndice

Entrevista Especial	
Desbravando a literatura.....	8
Especial	
A desigualdade nas urnas.....	14
Artigo	
A escolha certa para as eleições de 2014 - Eduardo Matarazzo Suplicy.....	18
Opinião	
A arte da política e a política da arte - Rosenildo Gomes Ferreira.....	20
Cidadania	
Genocídio de jovens negros, até quando?.....	24
Lições de vida.....	26
Mulheres negras na mira do tráfico humano.....	30
Combate ao racismo na infância.....	34
Esporte	
A primeira negra brasileira no Hall da Fama.....	38
Perfil	
Martinho do Mundo.....	40
Capa	
Formando para a vida.....	44
Preto e Branco	
Alice Coachman.....	62

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmares Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 10, Número 50 - Av. Santos Dumont, 843 - Bairro Ponte Pequena - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01101-080 - Tel. (55 - 11) 3325-1000. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Paulo Rolim • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca

Rodrigues (Mtb.14.845 - francisca@afrobras.org.br).

FOTOGRAFIAS: J. C. Santos e Divulgação.

EDIÇÃO: Rejane Romano.

ASSINATURA E PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação - Francisca Rodrigues - (francisca.rodrigues@afrobras.org.br) • Tel.(11) 3325-1000.

CAPA/FOTOS FORMATURA: Cedidas pela Millenium Formaturas.

EDITORAÇÃO: Ponto a Ponto Comunicação • Tel. (11) 4325-0605.

Os dois lados da moeda

Apesar de por vezes termos a impressão de que algumas situações são imutáveis, como a análise divulgada no Mapa da Violência, onde a vulnerabilidade do jovem negro mais uma vez aponta crescimento, ou ainda, a situação das mulheres negras, que estão no alvo do tráfico humano, nos regozija saber que barreiras são rompidas e que com um mínimo de oportunidade, negros e negras demonstram seu potencial.

A ex-jogadora de Basquete Janeth Arcain e Martinho da Vila são impulsos aos nossos ânimos nesta

retorna à Flink Sampa para apresentar seus trabalhos novamente.

Em outubro os brasileiros irão às urnas numa das maiores eleições de todos os tempos. Serão eleitos presidente e vice-presidente da República, deputados federais, estaduais, senadores, governadores e vice-governadores, o governador e vice-governador do Distrito Federal e os deputados do Distrito Federal. Numa eleição com estas proporções poderíamos imaginar que a quantidade de candidatos negros seria proporcional ao percentual da população afrodescendente brasilei-

edição. Pessoas que têm condutas que merecem ser reconhecidas. Há muito tempo a ex-jogadora Janeth Arcain escreveu seu nome na história do basquete brasileiro, mas sem dúvida, agora como indicada para o Hall da Fama, a trajetória desta brasileira ganha ainda mais destaque.

Imbuídos deste desejo de justiça a Afirmativa Plural inicia trazendo a história de Paulina Chiziane, uma escritora moçambicana que literalmente desbravou a cultura literária de seu país.

Paulina participou no ano passado da I Flink Sampa, Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, realizada pela Afrobras e Universidade Zumbi dos Palmares e recebeu o Troféu Raça Negra por se destacar na área literária em seu país.

Este ano, ela

ra que de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de quase 51% de pretos e pardos, o que corresponde a mais de 101,9 milhões de pessoas. Ledo engano. O cidadão negro brasileiro ainda permanece à margem dos cargos de representatividade na vida pública do país.

A Afirmativa traz uma entrevista exclusiva com o presidente do Tribunal de Justiça (TJ) de São Paulo, o Desembargador José Renato Nalini, para quem só através da educação podemos auxiliar na mudança das leis.

A Afirmativa traz nesta edição um pouco de tudo. Do lado ruim da moeda e do lado que mostra que “enquanto houver vida há esperança”, como já dizia o poeta e dramaturgo Terêncio.

Boa leitura!

ditorial

**Cartão
BNDES**

VALIDO NO BRASIL

9999 9999 9999 9999

MÔNICA VIDAL
PEQUENA EMPRESA
VALIDADE 05/16

VOCÊ TEM MILHARES DE PLANOS,
E O CARTÃO BNDES
TEM MAIS DE 200 MIL PRODUTOS
E SERVIÇOS PARA SUA EMPRESA.



*Taxa de juros de 0,92% ao mês, vigente em outubro de 2014. **Bancos emissores: Banco do Brasil, Banrisul, Bradesco, BRDE, Caixa Econômica Federal, Itaú, Sicoob e Sicredi. A concessão do crédito e a emissão do Cartão estão sujeitas à análise de crédito realizada pelo banco emissor.

OS NÚMEROS DO CARTÃO BNDES TRABALHAM A FAVOR DA SUA EMPRESA.

O Cartão BNDES tem um dos menores juros do mercado*, crédito rotativo e pré-aprovado e até 48 meses para pagar. São mais de 200 mil produtos e serviços disponíveis para você equipar, ampliar ou modernizar sua empresa: de computadores, móveis e veículos utilitários, até material de construção, insumos e cursos de qualificação profissional. Se você já tem o Cartão BNDES, acesse www.cartao.bnDES.gov.br e aproveite. Se ainda não tem, solicite o seu no site do Cartão e procure o gerente do seu banco**.



Ouviridoria: 0800 702 6307

desbravando

a



Por Rejane Romano

Ganhadora do Troféu Raça Negra 2013, a escritora moçambicana Paulina Chiziane tem uma história de garra e superação. A começar pelo fato de ser a precursora em seu país como a primeira romancista do sexo feminino e negra.

Uma mulher aguerrida que se revigora dedicando parte de seu tempo à nova geração de escritores moçambicanos com a experiência de quem sabe como enfrentar o racismo.

A autora, que possui nove livros publicados, falou com exclusividade à Afirmativa Plural sobre suas inspirações, romances, contos...

Afirmativa Plural - *Como foi enfrentar as dificuldades e se tornar a primeira romancista negra de Moçambique?*

Paulina Chiziane - Não foi fácil, mas aconteceu de forma espontânea, inocente. Eu não pretendia escrever um romance, estava apenas contando uma história e quando fui publicar descobri que se tratava desta vertente literária.

Afirmativa Plural - *Aqui no Brasil os escritores negros ainda não vivem uma situação confortável quanto ao reconhecimento de seu trabalho. Em Moçambique também é assim?*

Paulina Chiziane - A situação em Moçambique é diferente, mas não muito. Nós temos uma grande extensão geográfica de forma que nosso país está dividido em norte, centro e sul. Os escritores mais visíveis são os que vêm do sul, pois tiveram mais acesso à educação. No centro do país até aparecem algum escritores, mas o norte é um deserto. Vocês têm a questão racial e nós a regional. Enquanto o sul sempre teve mais acesso à educação, desde a era colonial, só agora o norte passa a ter este acesso, sobretudo ao ensino superior.



Paulina Chiziane.

“...desde menina, eu tive aptidão para a solidão e reflexão. Eu podia estar em uma festa que a minha tendência ali seria observar o que os outros estavam fazendo e no final do dia descrever tudo em meu diário.”

Afirmativa Plural – Então lá o problema não é a questão racial e sim a regional. Mas como é a questão do preconceito?

Paulina Chiziane – O sistema colonial acabou, mas o preconceito permanece. Há uma história que eu conto em um dos meus livros que retrata uma negra bem escura e feia que ao casar-se com o primeiro marido negro, teve dois filhos. Depois ela se casou com um branco e teve mais dois filhos mulatos. O intrigante desta história é que esta mulher assume uma postura de colocar os próprios filhos negros como serviçais dos mulatos. E ela justifica dizendo que o pai dos filhos negros só lhe oferecia bananas e coco, enquanto que o pai branco lhe oferece prendas. Um caso onde o próprio negro promove o racismo. Uma história real que eu romanciei, mas que expressa uma mãe que discrimina os filhos. Para mim isto é o extremo.

Afirmativa Plural – Como primeira romancista negra em seu país nos fale sobre como surgiu a ideia, a motivação para escrever este livro?

Paulina Chiziane – A ideia eu não sei de onde veio, porque sempre, desde menina, eu tive aptidão para a solidão e reflexão. Eu podia estar em uma festa que a minha tendência ali seria observar o que os outros estavam fazendo e no final do dia descrever tudo em meu diário. Quando me tornei adulta, ao ler o que os homens escreviam eu sabia que poderia fazer aquilo e até de forma melhor. Então parti para a aventura. Só que quando fui procurar as associações de escritores descobri que não havia a tradição de publicar obras de mulheres negras.

Afirmativa Plural – Em que época isto aconteceu?

Paulina Chiziane – Em 1989 comecei a buscar por uma associação e só em 1990 o livro foi publicado. Nesta época estas associações não tinham esta tradição. Ainda mais no meu caso. Primeiro porque eu vim do chão, ou seja, não pertencia a uma instituição socialmente reconhecida, então havia uma série de dúvidas: “O que ela tem a dizer?”, “Será que tem capacidade?”. Um momento no qual a língua portuguesa era considerada uma preciosidade que deveria ser tratada por indivíduos com competência. Olhavam para mim e se perguntavam: “Que competência a Paulina tem?”. Lembro ainda, que neste período havia uma polêmica que se chamava “Assalto

a Instituição Literária”, onde aqueles que desejavam escrever e não vinham do meio acadêmico estavam sendo acusados de assaltar a instituição literária. Hoje até me divirto com isso. Eu era tão menina e já tinha cometido este crime! Foi uma luta. Não foi fácil. Mas hoje as mulheres encontram uma relativa facilidade, já não há tanto preconceito de gênero.

Afirmativa Plural – E a sua infância? Você viveu um período diferente do que o que seu país vive agora. Do que você se lembra? Até mesmo no que diz respeito a influência dos portugueses?

Paulina Chiziane – Eu vivi o racismo, algo que ainda me dói, que tenho feridas abertas. Vou dar um exemplo de algo que me aconteceu. Eu era uma excelente aluna, acho que estava no oitavo ano, nas aulas de francês onde me destacava numa turma de alunos brancos. Certa vez, fizemos uma prova e a minha nota foi a melhor. A professora ficou furiosa e quando entrou na sala a primeira coisa que ela fez foi mandar eu me levantar. Fiquei em pé assustada, pois não sabia o que estava acontecendo. Ela começou a me humilhar publicamente: “Olha para esta preta. Ela mal come, ela mal vive... O que vocês pensam em relação à vida?”, questionou ela aos alunos brancos.

“Eu vivi o racismo, algo que ainda me dói, que tenho feridas abertas.”

Afirmativa Plural – *Você tinha quantos anos quando isso aconteceu?*

Paulina Chiziane – Eu tinha uns catorze anos e fui humilhada por ter sido a melhor. No fim, esta professora rasgou a minha prova, jogou no lixo e anulou o teste, porque ela como portuguesa e branca nunca poderia permitir que uma negra se destacasse daquela forma. Isso me magoou muito. Faz parte do passado. Mas quando vou para um ambiente onde este tipo de ação ainda acontece é como se a ferida fosse reaberta.

“Eu tinha uns catorze anos e fui humilhada por ter sido a melhor.”

Afirmativa Plural – *Isso poderia ter lhe impactado para o resto de sua vida até de forma ainda mais decisiva. Assumindo uma postura de evitar se destacar com receio de novamente ter que passar por uma situação dessas.*

Paulina Chiziane – Era uma castração, o que afinal era o grande interesse do sistema.

Afirmativa Plural – *Você já escreveram sobre este fato em algum livro seu?*

Paulina Chiziane – Não, ainda não. Mas é importante porque há coisas que merecem ser preservadas para que outras gerações tenham este aprendizado. É preciso deixar este legado. Claro que esta minha experiência ainda é

pequena se comparada a dos meus antecesores, que em alguns casos perderam seus filhos por causa do racismo.

Foi uma experiência dolorosa, mas não tanto quanto ao que estas pessoas enfrentaram na escravatura e nos trabalhos forçados.

Afirmativa Plural – *Após seu primeiro romance você se descobriu em outras formas de literatura?*

Paulina Chiziane – Parece que voltei a ser criança através do universo dos contos. É como se estivesse regredindo! Porque o que me dá prazer mesmo é contar histórias e este trabalho em escrever contos é o que tenho a impressão de que darei continuidade.

Afirmativa Plural – *Como surgiu seu livro de contos *As Andorinhas*? Podemos dizer que é para todas as idades?*

Paulina Chiziane – É para toda a família. As Andorinhas é uma história que o meu pai me contava quando eu era criança. Sobre o imperador de Gaza que era um homem muito mal. Quando o imperador de Gaza foi deportado o meu pai era um menino, mas guardou em sua memória as histórias que ouvia sobre ele. Ainda hoje quando temos lideranças que são muito despóticas as pessoas contam histórias sobre estes de forma a ridicularizá-los. Nesta história o imperador foi derrotado pelos portugueses porque um dia após

se relacionar com suas mulheres mandou que todos silenciassem porque queria descansar, mas as andorinhas que estavam na copa de uma árvore não paravam e uma delas defecou no olho dele. Ele levantou-se irritado e questionou sobre “quem é que mandava ali”, pois já havia dito para todos se calarem. Então este imperador chamou o exército e disse para buscarem todas as andorinhas para que fossem castigadas e entendessem de uma vez por todas quem mandava. Os soldados dele estavam

“Parece que voltei a ser criança através do universo dos contos. É como se estivesse regredindo! Porque o que me dá prazer mesmo é contar histórias e este trabalho em escrever contos é o que tenho a impressão de que darei continuidade.”

tão zangados que disseram tudo bem e que iriam resolver o problema. Pegaram suas esposas e filhos e foram embora deixando o imperador sem guarnição no momento que então foi pego pelos portugueses. Uma expressão popular, porque a verdadeira história é outra, de combate.

Afirmativa Plural – *Em livros como este você demonstra um traço muito forte da cultura africana, quanto a contação de histórias, dos fatos serem transmitidos de geração em geração através da palavra. Esta característica é marcante em sua vida?*

Paulina Chiziane – Sim absolutamente. Eu tenho esta tradição e digo com toda sinceridade que é uma das coisas que mais gosto de fazer. A característica dos meus livros é uma linguagem oral. Eu não escrevo na tradição escrita. Escrevo o mais próximo possível da forma que as pessoas falam, o que para mim deixa o diálogo mais fascinante e é muito mais fácil.

Afirmativa Plural – *Você se utiliza desta forma de linguagem também nos romances?*

Paulina Chiziane – Sim, pois ficam muito mais dinâmicos, mais agradáveis e mais fáceis de ler.

Afirmativa Plural – *De onde vem a sua inspiração para escrever? Você já nos disse sobre como era em sua infância, com uma personalidade mais introspectiva que primeiro observava e depois escrevia. Continua sendo assim?*

Paulina Chiziane – Sim e digo mais, o nosso país é virgem, ainda não foi escrito. E cada pessoa

é uma história, então se eu tivesse mil mãos eu não sei quantos livros iria publicar. Eu não me dou ao trabalho de ficar esperando a inspiração, porque, o vizinho do lado, a história da rua, o carro que passa... temos algo a dizer sobre tudo isso!

Afirmativa Plural – *Além da Paulina escritora, quais são suas outras aptidões? Você já pensou em transportar seu talento para o teatro, cinema ou outras linguagens culturais?*

“A característica dos meus livros é uma linguagem oral. Eu não escrevo na tradição escrita. Escrevo o mais próximo possível da forma que as pessoas falam, o que para mim deixa o diálogo mais fascinante e é muito mais fácil.”

Paulina Chiziane – Em Moçambique muitos jovens me pedem autorização para adaptar os livros para o teatro, o que me dá prazer por que alguns estão iniciando a carreira, outros são totalmente inexperientes e vão começando a criar. Houve também um grupo de dança que adaptou um dos meus livros em um musical muito interessante. No cinema ainda não tive oportunidade.

Afirmativa Plural – *Você ajuda na criação destas peças?*

Paulina Chiziane – Não, eu os deixo livres. Tenho encontros com eles apenas para fazê-los entender o espírito do texto, mas são eles que vão criar em cima disto.

Afirmativa Plural – *Sobre seu contato com a nova geração de escritores moçambicanos é uma demonstração de que não é preciso ter medo de perder lugar para o novo? Um conceito de partilhar para que todos cresçam?*

Paulina Chiziane – Eu prefiro sempre partilhar. O mundo de hoje corre muito por causa da evolução tecnológica. Há muitas coisas que eu não sei, mas também muitas que sei, então nós precisamos uns dos outros. Sem essa de medo de perder o lugar. Nossa país é tão grande que há espaço para todos.

Afirmativa Plural – *Você alcançou o reconhecimento em seu país? Não só no mundo literário, mas também por parte da população?*

Paulina Chiziane – Eu recebo muito carinho da população, mas é algo que está crescendo gradativamente. Parece que muitos ainda estão acordando para a importância do trabalho que eu faço, sobretudo nos últimos anos, no princípio não era assim. Quanto às instituições, este reconhecimento aumentou substancialmente. Eu acredito que vai melhorar ainda mais, porque cada dia que passa as pessoas vão aceitando melhor a minha condição como negra e escritora. ■



NÚCLEO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Se você foi ou conhece
alguém que tenha
sido vítima de
discriminação racial
procure o Curso de Direito da
Universidade Zumbi dos Palmares

ORIENTAÇÃO - INFORMAÇÃO - PALESTRAS - CONSULTORIAS
PROCESSOS ADMINISTRATIVOS E CRIMINAIS
TODA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO É GRATUITA

Atendimento: Segunda à Sexta das 16:00 às 19:00
Av. Santos Dumont, 843 (antigo Clube de Regatas Tietê) - SP
Tel.: 3325-1000 www.zumbidospalmares.edu.br
nucleocontraoracismo@zumbidospalmares.edu.br

a desigualdade nas urnas

Por Rejane Romano

No dia 5 de outubro deste ano os brasileiros irão às urnas numa das maiores eleições de todos os tempos. Serão eleitos: presidente e vice-presidente da República, deputados federais, senadores, governadores e vice-governadores, deputados estaduais; o governador e vice-governador do Distrito Federal e os deputados do Distrito Federal. Ao todo são 25.366

candidatos em disputa.

Numa eleição com estas proporções poderíamos imaginar que a quantidade de candidatos negros e negras seriam proporcionais ao percentual da população afrodescendente brasileira que de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de quase 51% de pretos e pardos, o que corresponde

a mais de 101, 9 milhões de pessoas.

Levo engano. O cidadão negro brasileiro ainda permanece à margem dos cargos de representatividade na vida pública do país. Ainda na edição 49, da **Afirmativa Plural** contamos com a avaliação de especialistas sobre esta questão.

Nesta edição a finalidade é de mostrar como os números comprovam a



Foto: www.agencia.foto.gov.br

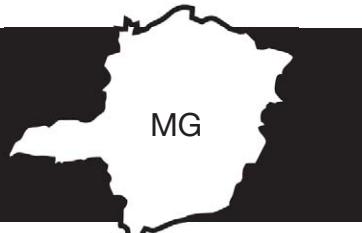
desigualdade racial nas urnas. Pela primeira vez o cadastro das candidaturas no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), exigiu a informação quanto a cor da pele do candidato. E as estatísticas eleitorais geradas a partir do Sistema de Divulgação de Candidaturas (Di-

vulgaCand2014) do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que engloba todos os concorrentes aos cargos em disputa no pleito deste ano, demonstram que do total de inscritos, 13.958 candidatos (55,03%) são brancos, pardos correspondem a 8.868 pessoas (34,96%), ne-

gros somam 2.344 candidatos (9,24%), os da cor amarela são 116 (0,46%) e os que se declararam indígenas equivalem a 80 candidaturas (0,32%). Ou seja, pretos e pardos somados ficam abaixo do número total de candidatos brancos inscritos.

Uberlândia – Minas Gerais

Em Uberlândia, Minas Gerais, dos 37 candidatos aos cargos de deputado estadual e federal, apenas 5 são negros ou pardos, o que representa apenas 13% dos concorrentes.



Distrito Federal

No Distrito Federal somente 10,7% dos postulantes a cargos são negros. Do total de 1.182 concorrentes, 119 se intitulam negros e para o cargo máximo não há candidato negro. Apenas um dos vice-governadores se declarou desta etnia e tem sido inclusive chamado de Barack Obama.

Na disputa pelo senado, entre os oito senadores registrados, só um é negro. Já entre os deputados federais há ao todo 11 candidaturas, ou seja, 8,40% dos registros para o cargo.



Paraíba

Na Paraíba apenas 31 candidatos (5,45%) se declaram negros de um total de 569 candidatos. Para governador e senador, não há nenhum candidato autodeclarado negro. Os pardos somam 242 inscritos (42,53%), mas a maioria é branca com 296 pessoas registradas (52,02%).

Há três candidatos ao governo da Paraíba declarados pardos e para o senado são quatro pardos na disputa. Para deputado federal, são apenas 10 candidatos declarados negros, 9,09% do total, além de 47 pardos (42,73%) e 53 candidatos que se declararam brancos (48,18%). Nas candidaturas às vagas de deputado estadual, são 16 negros (3,78%), pardos são 181 (42,79%) e brancos somam 226 (53,43%).



Solução

A fim de aumentar a proporção de negros no meio político há um projeto tramitando na Câmara dos



Deputados, em Brasília, para criação de cotas raciais para candidaturas a deputado federal e estadual.

Apesar de enfrentar todo o preconceito que envolve a questão das cotas raciais no Brasil este projeto, se implementado, poderá auxiliar na efetividade e no compromisso com políticas afirmativas. Além de contribuir para que a esfera pública no país não seja tão pífia.

Atualmente entre os que já exercem mandatos no Congresso Nacional. Apenas 10% dos parlamentares federais (ou 59 de 594 membros) são negros ou pardos, segundo estudo da Transparéncia Brasil.

Os brancos são maioria no Centro-Oeste (54,87%), Sudeste (62,88%) e Sul (87,59%). Pardos se sobressaem somente no Nordeste (46,19%) e Norte (58,19%).

A Deputada Estadual, pelo PCdoB/SP, Leci Brandão, observa a situação das mulheres negras que como ela, são a minoria da minoria na política brasileira.

“A situação do negro do Brasil é marcada por várias situações de desigualdade. No caso das mulheres negras a diferença é ainda mais acentuada. Nós estamos totalmente excluídas dos espaços de poder e da vida política nacional. Sou atualmente a única representante negra a ocupar uma cadeira no parlamento paulista e a segunda em toda a história política do estado de São Paulo. Para o próximo pleito temos 38 candidatos negros, ou seja, representamos apenas 6% nessa disputa. O racismo institucional é uma realidade que nos exclui de todos os espaços de poder inclusive na hora do voto, momento no qual podemos exercer plenamente nossa cidadania”,

avalia a deputada.

Leci fala ainda de sua missão como única negra na Assembleia Legislativa: *“A responsabilidade é grande e as demandas têm sido muitas. Contudo, mesmo travando uma luta desigual, estar no parlamento nos permite colocar em foco questões que antes passavam ao largo dos centros de poder”.*

Para a deputada a participação de negros em cargos públicos pode influenciar diretamente na tomada de decisões que assegurem um olhar voltado as questões do negro a fim de tornar a sociedade brasileira mais plural.

“A questão das cotas nas universidades e no serviço público, por exemplo, teve nos parlamentares negros, em nível federal, grandes aliados. Em São Paulo a luta em relação às universidades estaduais paulistas, e a criação da Secretaria Municipal da Igualdade Racial também contou com nossa total contribuição. Precisamos ter mais representatividade, mais negros ocupando essa casa, para propor Leis e criar situações que mudem essa história”,

conclui Leci Brandão. ■

"A Faculdade Zumbi dos Palmares chega aos 10 anos. E durante este período eu pude vivenciar a mudança de história dos jovens negros através da educação. São mais de mil alunos graduados, sendo que 90% empregados e 70% efetivados em grandes empresas brasileiras e internacionais. Se você é um jovem em busca de uma faculdade conheça a Zumbi dos Palmares. E se você é alguém que como eu, quer mudar mais vidas através da educação, apoie essa iniciativa."

Cinara Leal - Atriz



A atriz Cinara Leal, empresta a sua imagem para a promoção de mais acesso dos jovens negros no mercado de trabalho e no ensino superior.

Av. Santos Dumont, 843 (dentro do Clube de Regatas do Tietê) próximo ao Metrô

Armênia - Tel.: 3325-1000



FACULDADE

ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

a escolha certa para as eleições de 2014

**Por Eduardo Matarazzo Suplicy*

Neste período de eleições gerais de 2014, em que as pessoas se voltam para a escolha de seus representantes federais e estaduais nos parlamentos, nos governos, é importante promover a união dos nossos Oris - a “cabeça”, a capacidade de pensar, de discernir e de criar, das nossas consciências, em busca da construção de um país melhor, de uma nação livre de toda e qualquer discriminação racial.

Seja qual for divindade suprema de cada um – Olorum, Deus, Alá, Shiva, Brahma, Zeus, Tupã, Júpiter, Amon-Rá –, o fato é que ela não criou a raça negra, branca, vermelha ou amarela fazendo distinção entre uma e outra. Independentemente de cor, de credo, de origem ou de classe social, pertencemos originalmente a uma só raça, a raça humana.

Essa raça humana é que muitas vezes tem surpreendido o mundo com exemplo de luta, de sonho, de vida como os do Zumbi dos Palmares, de Martin Luther King Jr., de Nelson Mandela. Todos eles dignificaram seus países com ações de paz, de união, de crescimento, de igualdade e justiça social.

E aqui no Brasil, quantos representantes da raça negra tem surpreendido com seus exemplos? Nossa multiculturalismo, nossa diversidade, mostram a participação e importância de vários, mas embora o censo de 2010 aponte que o Brasil possui 56,6% de negros, nunca tivemos ainda um presidente negro como ocorreu nos Estados Unidos, onde o Presidente Barack Obama veio como uma bênção para o universo, inclusive

para a comunidade negra em todos os países do mundo.

Quantos negros nós temos no Senado? No Banco Central? Na Polícia Federal? No Superior Tribunal de Justiça? Em um levantamento feito em 2007, dos 620 Procuradores da República apenas sete eram negros. Do total de juízes, somente 13% tinham cor negra. Esse quadro, todavia, vai mudar, com a instituição de cotas para negros nos concursos públicos.

Na atual legislatura, dos 513 Deputados, apenas 43, ou 8,5% se autodeclararam negros. No Senado, a bancada negra conta com apenas três Senadores: Paulo Paim, Magno Malta e Lídice da Mata, uma mulher de ascendência negra.

Apesar dos avanços em relação aos direitos da população afrodes-

cedente conquistados desde o início do Governo Lula, os negros continuam sendo vítimas de um modelo social excludente, tanto que estão, em sua maioria, na base da pirâmide social.

Que bom que a Presidenta Dilma Rousseff tenha avançado em relação àquilo que se consolidou no Governo do Presidente Lula. Houve um avanço considerável e iniciativas muito importantes, inclusive na designação de Salvador como a capital negra do País.

Mesmo assim, no Brasil, as crianças negras têm um índice de mortalidade infantil 50% maior que as crianças brancas; os negros são maioria nas penitenciárias; o ganho do negro no mercado de trabalho é metade do ganho do branco que ocupa a mesma posição.

São poucos os negros que podem frequentar uma escola particular ou até mesmo a escola pública, em razão de precisarem trabalhar para ajudar no sustento da casa ou por viverem em regiões de difícil acesso.

Como Ori está sempre com a atenção voltada para transformar nações em realidade, nos trazer felicidade, que possamos transformar nossa consciência negra em uma luta conjunta e permanente pela erradicação da pobreza, pela transformação social, pela libertação de cada um, negro ou não, buscando não só um futuro, mas um presente melhor para a raça humana.

A escolha dos candidatos que valorizam a participação dos negros na vida pública deve ser um dos quesitos prioritários para um voto consciente nestas eleições gerais de 2014! Mão à obra! ■

*Eduardo Matarazzo Suplicy, Senador (PT).



Eduardo Matarazzo Suplicy.

a arte da política e a política da arte

*Por Rosenildo Gomes Ferreira

“O homem é um animal político. Político e racional.” A frase proferida por Aristóteles, pensador grego, sintetiza a importância da atividade política em nossas vidas. Em todos os sentidos. Ao contrário do que muitos imaginam, fazemos política a todo instante. A começar do instante em que deixamos a barriga de nossas mães. O choro lancinante é um sinal de que estamos contrariados e protestando por termos sido retirados de nossa “zona de conforto”. Para aplacar nossa reivindicação, queremos uma recompensa chamada carinho e alimentação, nossas primeiras referências de bem-estar.

Depois, seguimos fazendo política na interlocução com amiguinhos, quando escolhemos quem vai compor

nosso time (esquema de alianças) e também no conforto do lar. Em sentido verdade que nossas casas são territórios de conforto e segurança, também é correto dizer que a harmonia entre os integrantes da família não pode prescindir de um bom diálogo. Mesmo que os pais e mães sejam adeptos do “Quem manda somos nós e tá acabado!”. Nas demais relações pessoais também usamos e abusamos da política.

Política da boa vizinhança, da convivência no trabalho, na escola... e por aí vai.

Fazemos tanta política que, muitas vezes, nos afastamos da política partidária. É uma pena que isso aconteça. Afinal, é no parlamento, espaço onde acontecem os diálogos (numa inter-

pretação mais literal desta palavra latina), no qual os conflitos são resolvidos, que as prioridades são definidas e onde podemos construir uma sociedade mais próxima da que a média dos cidadãos deseja. Com isso em mente, fica difícil entender quando alguém me diz que “odeia política”.

Bem, olhando o quadro que nos cerca, dá até para aceitar que haja uma grande má vontade em relação aos políticos. Aliás, isso ficou patente nas manifestações espontâneas ocorridas em junho de 2013, em diversas cidades brasileiras. Uma multidão ganhou as ruas para exigir que a pauta da sociedade fosse encampada pelos políticos. Pena que a força daquele grito não tenha sido o bastante para gerar mudanças estruturais.



Rosenildo Gomes Ferreira.

Contudo, não podemos nem devemos desistir. Afinal, o processo de criação de uma sociedade moderna e igualitária demanda uma construção lenta e contínua. E não pode prescindir da política. Para aperfeiçoar o sistema e reconectar (para usar um verbo da moda), os políticos à sociedade é necessário uma ampla participação popular. A começar pelo voto.

Mas como votar corretamente? Bem, isso é relativamente simples. Como uso este nobre espaço para falar sobre temas de interesse da comunidade afrobrasileira, vou começar por aí. Você, caro leitor, é dessas pessoas que consideram que existem poucos afrobrasileiros no parlamento? Se este for seu caso, uma pergunta: “você leva em conta a cor da pele, além das propostas, na hora de escolher seu candida-

to?”. Eu confesso que minha resposta a esse questionamento é: “*nem sempre*.” Afinal, tento escolher o melhor possível, diante da oferta. Se encontrar boas opções entre os candidatos afrodescendentes, meu voto vai para eles.

Mais que a ausência de diversidade entre as diversas etnias e matizes de pele que compõem nossa sociedade, o parlamento também está devendo no que se refere à qualidade da “matéria-prima” que entra na disputa. Dizer que o parlamento é composto “*in-te-gral-men-te*” por bandidos e corruptos é uma atitude simplista de quem não quer ser parte da solução. No entanto, devemos ter em mente que muitos desonestos viram na política um salvo-conduto para continuarem fora do alcance da lei. No sentido oposto, os honestos, idealistas

e competentes foram se afastando desta seara. No que se refere aos afrobrasileiros, a ausência é ainda maior e isso faz parte de uma política desenhada e estruturada para nos manter na periferia do poder... Mas essa é outra história.

Voltando a eleição que se avizinha, é preciso ter em mente que, mesmo que nos pareça não ser suficiente para eleger o candidato de nossa preferência (devido a um sistema eleitoral imperfeito, cheio de armadilhas e pegadinhas), ele pode ajudar a impedir que os piores tomem assento e ganhem voz no parlamento.

A democracia e o Brasil agradecem. ■

*Jornalista, fundador do portal 1 Papo Reto (1paporeto.com.br), editor-assistente da revista *IstoÉ Dinheiro*.



**HÁ 10 ANOS REUNINDO
OS LÍDERES DO BRASIL
E DO MUNDO POR
UM PAÍS MAIOR.
POR UM PLANETA MELHOR.**

O LIDE - Grupo de Líderes Empresariais acredita que as grandes oportunidades nascem do debate de grandes temas. E que quando os principais líderes se reúnem para dividir experiências e discutir ideias, quem ganha é o mundo.

Por isso, há 10 anos, o LIDE reúne empresários e dirigentes públicos em fóruns de negócios, workshops, seminários e atividades com agenda de desenvolvimento econômico e social. Com a participação de grandes lideranças, os resultados também são expressivos. Presente em 12 países e 4 continentes, o LIDE conta com mais de 1.600 empresas privadas entre as maiores corporações do mundo. Se sua empresa ainda não faz parte do LIDE, está na hora de participar.

LIDE. Quem é líder, participa.



genocídio de jovens negros, até quando ?

O Mapa da Violência 2014, cujo levantamento usa dados de 2012, realizado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, em mais uma edição, demonstra que entre os brancos, no conjunto total da população, o número de vítimas diminui de 19.846 em 2002 para 14.928 em 2012, uma queda de 24,8%. Já entre os negros, as vítimas aumentaram de 29.656 para 41.127, um crescimento de 38,7%.

Este quadro alarmante culminou em uma Marcha Internacional contra o Genocídio de Jovens Negros que levou mais de 50 mil pessoas às ruas, no dia 22 de agosto. O protesto movimentou pelo menos dez estados e teve repercussão em 15 países.

Para analisar a questão da violência no Brasil no que cerne ao jovem negro e demonstrar o parecer do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de São Paulo (CPDCN-SP), o presidente Ivan Renato de Lima falou com exclusividade à Afirmativa Plural.

Da Redação

Afirmativa Plural - De acordo com dados do Mapa da Violência 2014 os homicídios vitimam majoritariamente negros: foram 41.127 mortos, em 2012, e 14.928 brancos. Considerando toda a década (2002 – 2012), enquanto o número de assassinatos de brancos diminuiu, passando de quase 20 mil, em 2002, para cerca de 15 mil, em 2012, as vítimas negras aumentaram de quase 30 mil para mais de 41 mil, no mesmo período. Qual a reflexão que você, como Presidente do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra faz deste quadro?

Ivan Renato de Lima - Em primeiro lugar, acredito que o problema é estrutural, ou seja, não seria possível pensar o Brasil sem a força civilizatória africana. O comércio atlântico de escravizados trouxe para o país entre 3 a 5 milhões de negros na condição de cativos, que tentaram transformar em objetos, mas não conseguiram tirar de suas mentes a condição de sujeitos que foram e continuaram sendo ao aportarem aqui. Foram

reis e rainhas, ferreiros, carpinteiros e marceneiros, sacerdotes, tecelões, mineradores que legaram não apenas sua mão- de-obra, mas também sua tecnologia, não apenas seu trabalho, e sim sua estética e cultura. Promover a perspectiva positiva da inteligência e poder, e não a mitificada em selvageria. Não obstante, o império e a república, excluíram os negros e seus descendentes de todos os programas e benefícios do Estado, sendo assim, a reflexão que faço é que, o que os negros perderam no passado, estamos perdendo no presente e só nos resta uma última oportunidade que é o futuro. Portanto, temos que reunir todas as nossas forças, toda a nossa inteligência, de todas as cores, que acreditam em justiça e igualdade para mudarmos este quadro, através de muita luta pela causa negra, levando oportunidades para as pontas, acesso a identidade cultural, ensino e história da África e da cultura afrobrasileira nas escolas, saúde integral da população negra, investimento em desenvolvimento social e econômico, justiça e segurança pública especializada para tratar do enfrentamento ao racismo institucional e a discriminação racial, programa de habitação e empreendedorismo, visibilidade na mídia e acesso de negras e negros nos primeiros escalões dos governos.

Afirmativa Plural - Podemos dizer que no Brasil a vítima de violência tem cor e sexo? Visto que a maioria destas vítimas é do sexo masculino?

Ivan Renato de Lima - O que gera a violência é a falta de oportunidade e historicamente no Brasil a desigualdade tem cor e as consequências são implacáveis para os PPPs como diz a nossa Desembargadora Luislinda: Pretos, Pobres e Periféricos. O

Professor Hélio Santos fica estarrecido com a falta de sensibilidade do povo brasileiro com a vida dos jovens negros que morrem todos os finais de semana. Ele diz que quando morre um jovem da classe média alta, tem passeata pela vida, agora, ninguém fica indignado com o genocídio da juventude negra.

Afirmativa Plural - Aspectos como a evasão escolar e o envolvimento com a criminalidade, devido a falta de perspectivas com as condições estruturais impostas pela sociedade dominante de maior poder aquisitivo, são preponderantes para estes números?

“ Ele diz que quando morre um jovem da classe média alta, tem passeata pela vida, agora, ninguém fica indignado com o genocídio da juventude negra.

Professor Hélio Santos ”

Ivan Renato de Lima - Sem dúvida, temos que implantar uma política de Estado para a valorização desta significativa população brasileira. Implantação da Lei 10.639 e 11.645, que regem o ensino do protagonismo negro em nossa história e do Estatuto da Igualdade Racial.

Afirmativa Plural - Há algum projeto para também mudar o “pré-conceito” da Polícia Militar quanto ao perfil estereotipado das características físicas de um “bandido”? Normalmente entendem o jovem negro como potencialmente criminoso.

Ivan Renato de Lima - Sim existe, no curso de formação dos policiais militares há uma matéria que trata sobre o combate ao racismo e a discriminação racial, um programa de sensibilização da segurança pública para a melhoria do policiamento preventivo no combate ao racismo, xenofobia, homofobia e discriminação, através de cursos e seminários temáticos, visando a redução de mortes de jovens negros por utilização desnecessária de arma de fogo. Além de elaborar e ministrar cursos e reuniões permanentes sobre a questão do racismo, xenofobia, homofobia e outras formas de discriminação correlatas, nos quartéis da Polícia Militar do Estado de São Paulo, visando o acompanhamento da sociedade quanto ao que ocorre em cada um dos batalhões e das companhias. Possibilitar que a sociedade interaja cada vez mais com os núcleos da PM e da Polícia Civil estabelecidos nos mais diferentes lugares.

Afirmativa Plural - Como novo presidente do Conselho quais seus planos?

Ivan Renato de Lima - Desenvolver e propor políticas públicas para promoção de igualdade de oportunidades e defesa dos direitos da população negra. Implantação das leis 12.288/10 que refere-se ao Estatuto da Igualdade Racial, 10.639/03 de Ensino da história da África, 14.187/10, que dispõe sobre penalidades administrativas a serem aplicadas pela prática de atos de discriminação racial do Plano Estadual de Enfrentamento ao Racismo e Promoção da Igualdade Racial, SINAPIR - Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial, Inclusão das Políticas Públicas nos Programas e Ações do PPA 2016-2019. Implantação de Cotas e demais Ações Afirmativas para redução deste quadro de desigualdades e violência. ■

licões de vida

Da redação

O Presidente do Tribunal de Justiça (TJ), o Desembargador José Renato Nalini, formado em direito é ainda escritor, professor e membro da Academia Brasileira de Letras. Um cidadão empenhado em grandes debates.

Como presidente do TJ desde janeiro deste ano, Nalini é um magistrado que enxerga as lacunas e não se limita em pequenas soluções de melhorias.

Em um momento onde a população pede e anseia por ser mais ouvida e ter suas solicitações atendidas, o desembargador atribui a educação a alternativa para mudar a atual situação. “Eu venho acompanhando o trabalho que é desenvolvido pela Universidade Zumbi dos Palmares e para

mim é uma alegria partilhar com a instituição sobre a minha experiência após nove meses na administração daquele que é o maior Tribunal de Justiça do mundo. Digo isso porque não há um tribunal que tenha os nossos números, com atualmente 2400 magistrados, 50 mil servidores, 20 milhões de processos, e um acervo de 83 milhões de processos encerrados”.

Um montante de processos expressivo que de acordo com o desembargador, se deve a aspectos culturais da sociedade brasileira.

“Eu atribuo isso a uma concepção anacrônica do direito. Porque nós copiamos o modelo de Coimbra, numa tentativa de Pedro I de criar uma burocracia para o império nascente em 1827. Onde o que ele conhecia de ação jurídica era a Faculdade

de Coimbra, só que a Faculdade de Coimbra em 1827 já era muito antiga e havia sido copiada da Universidade de Bolonha, que é do ano 800. Então nós pegamos um projeto que é de mil anos, trouxemos para cá em 1827 e desde então nós só multiplicamos as escolas, mas não ampliamos para uma formação jurídica em que a cidadania aprenda a discutir e a dialogar. E isso não é só para desafogar o judiciário. Nós vamos chegar a um ponto que não haverá orçamento suficiente para essa máquina que cresce indefinidamente”, acredita.

Um desafio literalmente grandioso a ser enfrentado, cujos avanços tecnológicos e novas posturas podem auxiliar em minimizá-lo.

“Nós estamos progredindo. O Brasil já é um dos maiores países do mundo no



José Renato Nalini.

uso do celular e os celulares hoje não são só telefones, são canais de comunicação com as redes sociais com entidades que surgiram como o Google, Twitter... Nós temos uma utilização útil da comunicação à distância de imagem e de som, então acredito que nós estamos caminhando rapidamente para instaurar uma democracia direta, por fomentar a cidadania através desta pesquisa instantaneamente pelos aparelhos. Se esta tecnologia está servindo para que milhões de pessoas se mobilizem para manifestações porque não contribuir desta forma? Acredito que o direito também vai passar a ser algo acessível”, diz.

Para viver este novo momento previsto pelo presidente do TJ, onde processos possam ser consultados pelos aparelhos celulares, o profis-

sional do Direito também deverá adotar uma nova postura. “Este profissional precisa ser alguém antenado com a realidade, alguém que aprenda a solucionar problemas em lugar de institucionalizá-los. Nossa cultura jurídica é dona da prolexilaridade, nós falamos em quarenta linhas o que poderíamos falar em duas ou três. Então essa mentalidade é uma vocação muito boa, inclusive para os alunos da Zumbi dos Palmares, nós precisamos hoje no Brasil de pacificadores. Basta examinar o tempo que demanda um processo que chega a uma quarta instância. Que passa por um juiz, passa por um tribunal e vai para o Superior Tribunal de Justiça e não é difícil chegar ao Supremo Tribunal Federal. O advogado do futuro precisa inverter esta equação cruel que tornou a justiça um

repositório de todas as demandas, que não tem como atender a tempo e a hora a estas reivindicações”.

Um profissional humanizado e empático, voltado, para como já disse anteriormente o desembargador, para a solução das questões de forma a pacificar situações e evitar o desgaste de tempo e dos sentimentos dos envolvidos. “O profissional do futuro, se assim podemos chamar, precisa ser primeiro uma pessoa que goste do ser humano. Nós temos um problema nas carreiras jurídicas que o concurso é um dos mais árduos, um dos mais sérios. Para selecionar um juiz, um promotor, um defensor público, um procurador, um delegado e até alguém que recebe uma delegação extrajudicial, nós adotamos o formato do

concurso público que tem suas qualidades. É democrático, pois basta ter o diploma e prestar o concurso. E é meritocrático, porque em tese, apenas aqueles que são os melhores conseguem passar. Mas os concursos atraem milhares de jovens que têm a esperança de ingressar numa destas carreiras jurídicas. Um processo que demora mais ou menos dois anos no total, entre exames e análise de perfil. Este jovem que passa pelos funis e chega a ser nomeado corre o risco de ser alguém arrogante. O concurso começa com 18 mil inscritos e ao final são nomeados 50, por tamanho grau de interesse e dificuldade, reforça egos. Além disso, este jovem pode ser alguém que trabalhe muito bem tecnicamente, mas ser um juiz que nem sempre sabe o que está fazendo e o que a nação espera dele. E a nação espera que o juiz seja um profissional atento às necessidades da população, alguém que faça a inclusão, que equilibre os pratos da balança, que são extremamente desiguais”.

No cerne dos concursos da magistratura, os mesmos geram polêmicas e não reproduzem no judiciário a homogeneidade da população. Um obstáculo para que tenhamos uma fluidez e uma representatividade dos pensamentos e dos anseios de todos de nossa população, diz o presidente do TJ.

“Nós fizemos os concursos e eles funcionaram em selecionar os melhores técnicos, mas acredito que já produziram tudo o que poderiam. Nós temos que pensar obrigatoriamente numa seleção que mostre experiências de vida e outros atributos que não necessariamente o que hoje priorizamos, que é a capacidade de memorização. Alguém para passar num concurso destes em todas as carreiras jurídicas, não há exceções, tem que memorizar toda legislação, toda doutrina e a jurisprudência, mas desta forma eu sei se ele vai produzir? Se vai solucionar

os problemas? Se ele vai se condonar da sorte de quem procura pela justiça? A justiça é o desaguadouro das infelicidades e tristezas, ressentimentos, perdas... ninguém procuraria a justiça sem problemas. Então, a pessoa já chega frustrada e diante de um universo onde ela é praticamente excluída, pois a parte (aquele que reivindica o processo), não fala com o juiz, só fala através do advogado. A parte conta ao advogado o que lhe aflige, que por sua vez redige um texto. A partir daí, a parte está excluída e é raro que ela venha a ser ouvida. Porque meus colegas contestam dizendo

“Eu acredito que a justiça é um bem da vida, assim como é a saúde, a moradia, a alimentação... Um bem essencial. Só que nós não podemos pensar que este equipamento estatal seja suficiente para corrigir todas as injustiças. **”**

que o juiz ouve a testemunha, em depoimento processual à parte, mas quem é o presidente do processo? É o juiz. Quem define sobre o mesmo? É o juiz. Experiente perguntar para o juiz: ‘Posso contar minha história?’, ele lhe dirá: ‘Não. Eu farei algumas perguntas e o senhor me responde’. Estas perguntas são calcadas na convicção que ele já formou e prenunciado destino da causa. Questões que venham atender à sua expectativa”, avalia.

Mesmo envolta neste viés, a justiça ainda é imprescindível para a

sociedade. Inclusive aqueles que se ressentem e estão descrentes com sua efetividade, “mais dia ou menos dia”, recorrem a ela.

“Eu acredito que a justiça é um bem da vida, assim como é a saúde, a moradia, a alimentação... Um bem essencial. Só que nós não podemos pensar que este equipamento estatal seja suficiente para corrigir todas as injustiças. A violência não é só a física. Pode ser a violência da insensibilidade, da falta de respeito, de consideração. E nisto, nem o melhor acordão pode intervir. Uma faculdade de Direito com uma vocação como a Zumbi dos Palmares já é a diferença e pode ser ainda muito mais transformadora da realidade brasileira por criar profissionais sensíveis, que levem a sério aquele compromisso que já está no estatuto da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), de pacificar em primeiro lugar, escolher a conciliação como primeira via e impedir as pessoas de ingressarem em aventuras jurídicas. Se você sabe que uma ação não tem chances de dar certo, por que permitir a parte que lhe procurou a temeridade de enfrentar algo que será custoso, complexo, lento e não vai resolver o problema?”, analisa.

Detentor de um blog que versa sobre temas diversos, Nalini observa que ambos aspectos de sua personalidade convergem em sua atuação enquanto jurista e dá uma dica para quem pretende seguir a carreira jurídica. “A leitura e a escrita constituem uma vitamina para alma. Eu acredito desde a infância que a leitura nos permite viajar sem passaporte. Eu devo muito a minha mãe que me presenteava com livros e sou apaixonado pela leitura e consequentemente por escrever. É indispensável para quem quer seguir uma carreira jurídica ter um bom domínio das palavras. Precisamos saber exatamente o que vamos dizer”, conclui. ■



VOCÊ ESTÁ PREPARADO?

Diversidade de opiniões e muita polêmica. Debate quente sobre o mundo político, o meio ambiente e a mobilidade urbana.

As notícias mais complexas de um jeito descomplicado.

1 Papo Reto está na área.

1PAPORETO

► Venha! Prepare-se para o futuro.

site: www.paporeto.net.br



www.facebook.com/paporeto.net.br



@paporetonet



mulheres negras

na mira do tráfico humano

*Por Rejane Romano

Esta constatação partiu do relatório divulgado pelo Ministério da Justiça, fruto de um trabalho realizado em parceria com Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UnoDC).

Apesar de o documento não consolidar a soma total de casos no país, pois os dados não estão unificados em um só banco, é notório que a maior parte das vítimas de tráfico é de mulheres jovens, pretas e pardas. Segundo o relatório, em 2012, das 130 vítimas de tráfico de pessoas identificadas pelos sistemas: de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) e o de Vigilância de Violência e Acidentes (Viva), 104 eram do sexo feminino, e 85 pessoas (65%) tinham até 29 anos. Ao todo, 55 vítimas eram mulheres pretas ou pardas (42% do total); e 26, homens, dos quais 15 eram pretos ou pardos (57%). Todos vítimas de tráfico humano para fins de trabalho escravo ou prostituição.

A Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude (ASBRAD), fundada em 1987, atende a toda demanda quanto a violência contra a mulher, criança e adolescente. A associação possui um Posto de Atendimento Humanizado a Deportados e Inadmitidos no Aeroporto Internacional de Guarulhos, cuja finalidade é oferecer aten-

dimento humanizado a deportados, inadmitidos, possíveis vítimas do tráfico de pessoas, oferecendo possibilidade de orientação jurídica, (re)cambio de pessoas aos seus estados de origem, orientação quanto a reparação de danos, encaminhamento para atendimento de saúde e abrigamento provisório (se necessário). Tal trabalho é realizado a partir da parceria entre o Ministério da Justiça e a Agência de Cooperação Internacional (CORDAID).

Dalila Eugênia Maranhão Dias Figueiredo é militante dos Direitos Humanos e preside trabalho junto ao Comitê Nacional contra o Tráfico de Pessoas, além de ser responsável por projetos na ASBRAD. Em anos à frente destes trabalhos, Dalila observou que grande parte das vítimas de tráfico humano advém de regiões muito pobres. “*Neste trabalho realizado no Aeroporto de Guarulhos sempre fomos contatadas por muitas mulheres que, por vezes, não tinham como retornar ao país de origem*”, revela.

Outro aspecto observado foi a incidência de mulheres de origem africana, que segundo as vítimas brasileiras eram as que mais sofriam na situação de traficadas. “*Mulheres nigerianas e quenianas eram as que mais sofriam, segundo vítimas de tráfico humano brasileiras. São as que mais contraem dívidas, submetidas a atos de*

violência e têm seus parentes ameaçados. Nós nem sofremos tanto, as nigerianas principalmente são as que sofrem mais', diziam as demais mulheres vitimizadas", explica.

A partir deste trabalho também foi possível avaliar que a maioria do tráfico internacional de pessoas é para fins de exploração sexual. "Um número significativo de transgêneros que tinham sido traficados para a Itália e muitas mulheres negras que haviam sido exploradas no Caribe", diz.

Ao longo destes anos com projetos voltados para o tema, Dalila diz que ela e sua equipe foram compreendendo o tráfico de pessoas do ponto de vista do atendimento. Indo atrás de respostas e tendo que mergulhar numa situação até então desconhecida. "Nós atuamos mesmo antes de existirem políticas públicas sobre este viés. Fomos a Fóruns Mundiais, nos inteiramos sobre esta questão, construindo metodologias e pensamentos sobre o assunto."

Desta forma a ASBRAD criou o Programa de Assistência a Crianças e Adolescentes Vítimas de Tráfico para Fins de Exploração Sexual, com atuação em 11 Estados brasileiros, que tem por objetivo desenvolver uma metodologia de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de tráfico, para fins de exploração sexual, voltado para profissionais que atuam nos programas, serviços e ações de prevenção, atendimento, proteção, defesa e responsabilização. Além de organizações não governamentais que compõe as redes de proteção e defesa e instituições públicas com atuação nos campos da prevenção, atendimento, proteção, defesa e responsabilização. O programa encerrado em Setembro/2007 tem sistematização e metodologia no site www.partners.net e www.asbrad.com.br.

Formas de Enfrentamento

Para Dalila, um conjunto de ações precisa ser implementado. "A Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas instaurada há tempos, a fim de termos políticas para as mulheres, busca incessantemente por mecanismos para evitar a discriminação e preconceito contra a mulher e prevenir graves violações dos direitos humanos". Segundo a militante dos direitos humanos, "o Brasil ainda caminha com passos muito tímidos diante do problema que desconhece", pois segundo Dalila a situação é mais grave do que a maioria das pessoas têm noção. "Além do tráfico internacional de pessoas, há o tráfico interno, onde travestis aliciados na região Norte, são explorados em São Paulo." E conclui: "O Brasil precisa superar obstáculos enormes que dão vazão a este tipo de atitude, como a desigualdade nos cargos públicos e na tomada de decisões." ■





“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele (...) Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.” - Nelson Mandela

TROFÉU
RAÇA NEGRA 2014

24 de Novembro - Sala São Paulo - São Paulo/Brasil



Sem Educação Não Há Liberdade



FACULDADE
ZUMBI DOS PALMARES
SAO PAULO - BRASIL



GOVERNO DO ESTADO
SAO PAULO
Secretaria da Cultura



combate ao racismo na infância



*Por Rejane Romano

O Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdade (CEERT) lançou o projeto “Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e Adolescente na Promoção da Igualdade Racial”. Com a presença de nomes que são referência, não só na luta pela equidade entre as raças, mas também profissionais envolvidos com questões pertinentes à Criança e ao Adolescente, o ex-secretário de Justiça do Estado de São Paulo e Diretor Executivo do CEERT, também professor da Faculdade Zumbi dos Palmares, Dr. Hédio Silva Jr., conduziu a solenidade que apresentou a iniciativa ao público.

A proposta do encontro foi apresentar o projeto que visa mostrar como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) pode ser usado como instrumento imprescindível

para o enfrentamento da discriminação racial na infância e adolescência e para a adoção de políticas igualitárias através da participação de órgãos públicos e sociedade. Dados do Conselho Nacional de Adoção, regido pelo Conselho Nacional de Justiça, apontam que 47% das pessoas interessadas em adoção declaram que a cor da pele do futuro filho é uma informação relevante e 37% preferem exclusivamente crianças brancas. Em maio de 2011, foi registrado um total de 30.378 interessados inscritos e 7.949 crianças e adolescentes disponíveis para adoção, sendo que a maioria destas, 51%, constituída por negras e pardas.

Em virtude de questões como esta, o CEERT criou o projeto a fim de levantar informações sobre casos de discriminação às crianças

e adolescentes. O projeto constitui na produção de livros e vídeos referentes ao assunto, cinco seminários regionais e a implementação de um curso de formação continuada para os conselheiros tutelares. Adotando um papel de fomentador e de organizador do tema.

“O judiciário tem tudo a ver com este programa. Eu sou daqueles que têm o juiz como um agente político importante. O racismo contra a criança é uma violência que não tem tamanho, muitas vezes disfarçado e despercebido pelas pessoas. Nós da magistratura e da OAB de São Paulo fizemos uma campanha para adoção de crianças negras. É necessário que a gente vá além da Lei e é por isso que o Tribunal de Justiça está junto neste projeto. Nós vamos buscar com os juízes da infância e da juventude em todo Estado de São Paulo, um apoio ainda maior para esta tarefa de ir além na luta contra o racismo”

em relação às crianças e adolescentes”, disse o desembargador Antonio Carlos Malheiros, do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Em breve será anunciada uma parceria com o Tribunal de Justiça (TJ), onde o CEERT irá divulgar um rol de pesquisadores, mestres e doutores, negros e brancos, para dialogar com os interessados em adoção.

O secretário Antonio da Silva Pinto, da Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Paulo, falou sobre a importância da iniciativa do CEERT. “*Muitas vezes a gente se concentra em apenas um tema, mas há tanto para debatermos. A questão do racismo contra a criança e o adolescente é um grande problema para nossa comunidade. Ações como esta é que podem modificar a atual situação e contribuir para que a gente construa uma sociedade menos desigual.*”

A palestra ministrada por Hélio Silva Jr. intitulada: “Estatuto da Criança e do Adolescente e Racismo na Infância”, transcorreu sobre os artigos do ECA, e como a lei já assegura e prevê punições aos casos de maus tratos à criança e ao adolescente. “*A Alteração no ECA 12.010/2009, de reconhecimento legal da existência de racismo contra crianças negras é algo muito importante, pois reconheceu o racismo e passou a incluir campanhas de estímulo à adoção de crianças negras. Além disso, é importante destacar que discriminação racial deve ser considerada como maus tratos. A experiência de discriminação pode, inclusive, definir o destino do indivíduo. Nós precisamos juntos empreender esforços para implementação do ECA, para que este tema faça parte dos Conselhos Tutelares e que seja levado a sério, para que as crianças sejam preparadas para conviver com a diversidade*”, ressaltou Hélio Silva Jr. ■



Afrobras, Faculdade Zumbi dos Palmares e Memorial da América Latina
APRESENTAM:



FLINK SAMPA AFROÉTNICA

FESTA DO CONHECIMENTO, LITERATURA E CULTURA NEGRA

22 e 23 Novembro - Memorial da América Latina

CONCURSO LITERÁRIO - MOSTRA DE CINEMA - SEMINÁRIO INTERNACIONAL - ESPAÇO AFROKIDS
FESTIVAL DE GASTRONOMIA - RODADA DE NEGÓCIOS - MODA E BELEZA - SHOWS - EXPOSIÇÃO DE ARTES

mais da programação: www.flinksampa.com.br

**ENTRADA
FRANCA**

Debate com Renomados Escritores



PAULO LINS
escritor



PAULINA CHIZIANE
escritora

CAROLINA MARIA DE JESUS

Centenário de Carolina Maria de Jesus "Mulheres Negras: Intelectualidade, Arte, Combate e Resistência", patrona da FLINK 2014



KABENGUELE MUNANGA
professor



RAPPIN HOOD
rapper



GLÓRIA MARIA
jornalista



LUCIANO COUTINHO
Presidente do BNDES



MARTINHO DA VILA
sambista



HERALDO PEREIRA
jornalista



TONI MORRISON
escritora



EMICIDA
rapper

JOAQUIM BARBOSA, ministro



TROFÉU RAÇA NEGRA 2014
24 Novembro, na Sala São Paulo



a
1

negra

brasileira no

Hall da Fama

Da Redação

Há muito tempo a ex-jogadora Janeth Arcain escreveu seu nome na história do basquete brasileiro, mas sem dúvida, agora como indicada para o Hall da Fama, a trajetória desta brasileira ganha ainda mais destaque.

“Tudo que alcancei na minha carreira é consequência de muita dedicação. Não há como saber o quanto se vai alcançar. Cada um tem suas habilidades que afloram com o tempo e com a ajuda do técnico e companheiras de equipe. A partir daí, as coisas acontecem gradativamente”, avalia Janeth.

A ala, nascida em Carapicuíba, em São Paulo, chegou a jogar voleibol, mas aos 13 anos decidiu que seria o basquete o esporte que a acompanharia por toda a vida. *“Aos 13 anos foi quando realmente iniciei no basquete e aos 16 já estava na Seleção Brasileira Adulta e nunca mais deixei o basquete sair da minha vida”,* disse. Esporte este que lhe renderá ainda mais emoções em junho de 2015, quando ao lado de outra jogadora de basquete negra, a americana Lisa Leslie, será homenageada na cidade de Knoxville, no estado do Tennessee, nos Estados Unidos. *“Desde que soube desta notícia, fiquei muito feliz. É o sonho de qualquer atleta receber um reconhecimento como este”,* emocionou-se a atleta.

Campeã mundial na Austrália em 1994, prata nas Olimpíadas de Atlanta (1996) e bronze na de Sydney (2000), são alguns dos títulos conquistados pela atleta, que em sua passagem pela WNBA (Women's National Basketball Association, liga profissional de basquete feminino dos Estados Unidos), onde atuou pelo Houston Comets, foi tetracampeã e terceira maior pontuadora da história com 2.247 pontos, em 138 jogos oficiais, média de 16,3 pontos por jogo. E não para por aí... Janeth tem ainda

três pódios em Pan-Americanos: ouro em Havana (1991) e prata em Indianápolis (1987) e Rio de Janeiro (2007).

Aposentada das quadras desde os jogos Pan-Americanos de 2007, Janeth continua se dedicando ao basquete. *“Quando fui para WNBA em 1997, surgiu a vontade de fazer algo para os jovens e crianças do meu país, para que pudessem se dedicar ao esporte e desde fevereiro de 2002 dei início ao instituto”,* relembrou.

O Instituto ao qual Janeth se refere, é um projeto dela com apoio federal, que leva seu nome e trabalha o esporte para além das linhas da quadra.

“No Instituto Janeth Arcain nós temos apenas a modalidade do basquete, que é a área que mais conheço. Com isso procuramos ter um trabalho esportivo educacional. Atuando na parte técnica e nos valores”. Com foco na formação das crianças e jovens como atletas e como indivíduos, a iniciativa segue a todo vapor propiciando novas histórias de sucesso.

“Um exemplo é a Damires Dantas que começou aqui com a gente e agora já está na Seleção Brasileira de Basquete Feminino e na WNBA”.

Novas histórias de crianças e jovens que desde 1997 estiveram acostumados a ver Janeth fazendo cestas e mais cestas, dentro e fora do Brasil. Uma referência. Um exemplo a ser seguido! ■



Janeth Arcain.

Martinho do mundo

Por Rejane Romano

Mais de trinta anos de carreira de uma vida dedicada ao samba. Não foi por acaso que o produtor e diretor francês, George Gachot, escolheu Martinho da Vila para ser o protagonista do filme-documentário *O Samba*.

“O George me propôs fazer um filme sobre samba, mas não tinha um roteiro definido. Durante cerca de dois anos ele seguiu os meus passos, nas suas muitas vindas ao Brasil, filmando com sua equipe. O resultado foi um filme sobre a minha música, minha gente, minha escola de samba...”, diz Martinho.

Um filme que propiciou uma série de emoções ao experiente sambista que se emocionou com os aplausos recebidos já no lançamento do longa, na França.

“O objetivo principal é mostrar o samba para o estrangeiro e para quem não entende muito da sua cultura. O lançamento foi no Festival de Biarritz, na França. Eu fui lá e, no final, fiquei emocionado com os aplausos da plateia”.

Martinho da Vida, que dispensa apresentações, é um ícone deste ritmo que nos é tão familiar e expressivo. O músico fez do samba sua arte e sua forma de contribuir com a preservação da cultura negra. Um homem que entende o samba como: “*Uma missão*”.

“O objetivo principal é mostrar o samba para o estrangeiro e para quem não entende muito da sua cultura...”

Martinho da Vila.

Ao ser questionado sobre como o negro pode conquistar espaços através da música e revertê-los em prol da comunidade negra, como ele próprio tem feito ao longo de sua carreira, respondeu com seu jeito mansinho: “*Sinceramente não tenho uma receita. Só sei que é preciso muita dedicação*”.

Dedicação, maestria e domínio sobre o tema lhe gabaritou a, inclusive, contribuir com o filme.

“Eu fiquei um pouco apreensivo quando fui ver a primeira montagem porque, se eu não gostasse, teria de não autorizar o lançamento. Sugerí ao George Gachot algumas alterações e o resultado ficou, a meu ver, muito bom”, avalia.

O primeiro artista do mundo do samba a obter um Disco de Diamante, por ultrapassar a vendagem de um milhão de cópias, acredita que apesar do surgimento de novos ritmos que ganham espaço no mercado fonográfico o “*samba tem e sempre terá espaço*”. E ainda dá a receita de como fortalecer o ritmo. *“Muita coisa pode ser feita, tais como a produção de bons cds e dvds, bons espetáculos e projetos como o Nivea Viva o Samba e o Sambabooock lançado pela gravadora Musickeria”.*

Carioca da Gema, Martinho nasceu em Duas Barras, no estado do Rio de Janeiro. Aquariano, não foge as características do signo sendo

original e independente. Foi Auxiliar de Químico Industrial, dedicou-se a carreira militar, onde foi cabo e sargento e, por fim, mesmo tendo se formado em contabilidade, tornou-se cantor profissional.

Em 1967 em sua participação III Festival da Record, o público conheceu então Martinho e o partido-alto Menina Moça. Depois vieram tantos outros até em 1969 ser recordista em vendagem com o LP intitulado Martinho da Vila. De sucesso em sucesso, em 1995, com o CD Tá delícia, Tá gostoso, consagrou-se como o primeiro sambista a ultrapassar a marca de um milhão de cópias.

Ganhador de inúmeros prêmios, como o Troféu Raça Negra, dá nome há uma sala na Casa de Cultura de sua cidade natal Duas Barras, onde tem uma estátua de bronze num local chamado Mirante Vale Encantado.

Cidadão do mundo, Martinho tem títulos de Cidadão: Carioca, de Jaboatão, de São Borja, da Bahia, do Espírito Santo e de Minas Gerais.

Dedicando-se a escrita é autor de 13 livros, dentre os quais Os Lusófonos, reeditado em Portugal, assim como Joana e joanes – Um Romance Fluminense e Ópera negra, lançados em francês. Além de artigos para O Globo, Folha e Estado de São Paulo. Durante dois anos foi cronista semanal do Jornal O Dia.

Com tantas atividades seria plausível pensar que Martinho viva em correria, ainda mais tendo que conciliar tudo isso com a família, filhos e netos... Engana-se. “Não é difícil. Faço tudo ‘devagar, devagarinho’ e com muito amor”, explica o sambista autor do sucesso Devagar, devagarinho. ■



Martinho Ativista

Sempre preocupado e voltado para as questões pertinentes a comunidade negra, liderou o Grupo Kizomba, promotor dos pioneiros encontros internacionais de arte negra. Tendo sido responsável pelo projeto O Canto Livre de Angola, que trouxe os primeiros artistas africanos ao Brasil. Por tanto empenho recebeu o título honorário de Embaixador Cultural de Angola e Embaixador da Boa Vontade da CPLP (Congregação de Países de Língua Portuguesa), por ser um incentivador das relações linguísticas do português e divulgador da lusofonia.

Martinho da Vila Isabel

Martinho se tornou “da Vila”, por causa de sua paixão pela Escola de Samba Unidos de Vila Isabel da qual é o Presidente de Honra.

Os sambas de enredo mais consagrados da agremiação são de sua autoria. Bem como enredos memoráveis como: Kizomba, a Festa da Raça que garantiu a Vila, em 1988, seu consagrado título de Campeã do Centenário da Abolição da Escravatura; além de Soy Loco Por Ti América, que deu à Vila o título máximo do Carnaval de 2006; e mais recentemente, como co-autor do enredo e também do samba-enredo A Vila Canta o Brasil, Celeiro do Mundo, campeão de 2013.





ORGULHO DE SER ZUMBI



Inscrições Abertas



VOCÊ PODE SER A MUDANÇA
BASTA TOMAR A
DECISÃO **CERTA!**



Vestibular 2015

Aqui tem
FIES

Cursos nas áreas de:

Administração

Direito

Pedagogia

Publicidade e Propaganda

Recursos Humanos

Transporte Terrestre

acesse:

www.vestibularzumbi.com.br

Central de Atendimento: 11 3325-1000 (ramais: 123/124)

Só esta instituição tem a capacidade
de fazer tudo isso:

- Programa de estágios com 90% de efetivação
- Parcerias com universidades americanas
- Núcleo de atendimento ao racismo
- Apoio de institutos de pesquisas renomados
- Curso de Direito recomendado pela OAB
- Coral Zumbi dos Palmares
- Atlética
- Troféu Raça Negra
- Festa Literária Flink Sampa

Vem para a Zumbi!



**UNIVERSIDADE
ZUMBI DOS PALMARES**

SÃO PAULO - BRASIL





Formando



para a vida

Formandos dos cursos de Administração, Direito, Pedagogia e Tecnologia em Transporte Terrestre.





A cada nova turma que se forma na Zumbi dos Palmares alguns sonhos se repetem, emoções se assemelham, mas sem dúvida cada aluno, individualmente leva consigo a experiência vivenciada durante os anos de aprendizado na instituição.

Uma formação que vai além dos estudos acadêmicos, pois numa faculdade que tornou-se um polo cultural onde diversas expressões culturais e étnicas têm espaço, a diversidade que é fomentada dentro do campus da instituição, ultrapassa os muros do saber e entrega para a sociedade homens e mulheres preparados para este novo mundo pautado pelo avanços tecnológicos, fluído e extremamente rápido.

Alunos que passam a ser profissionais após horas de aulas práticas e teóricas e das experiências que muito vivenciam nos estágios em empresas de destaque nacional e internacionalmente.

Enfim formados! Formados para a vida! ■















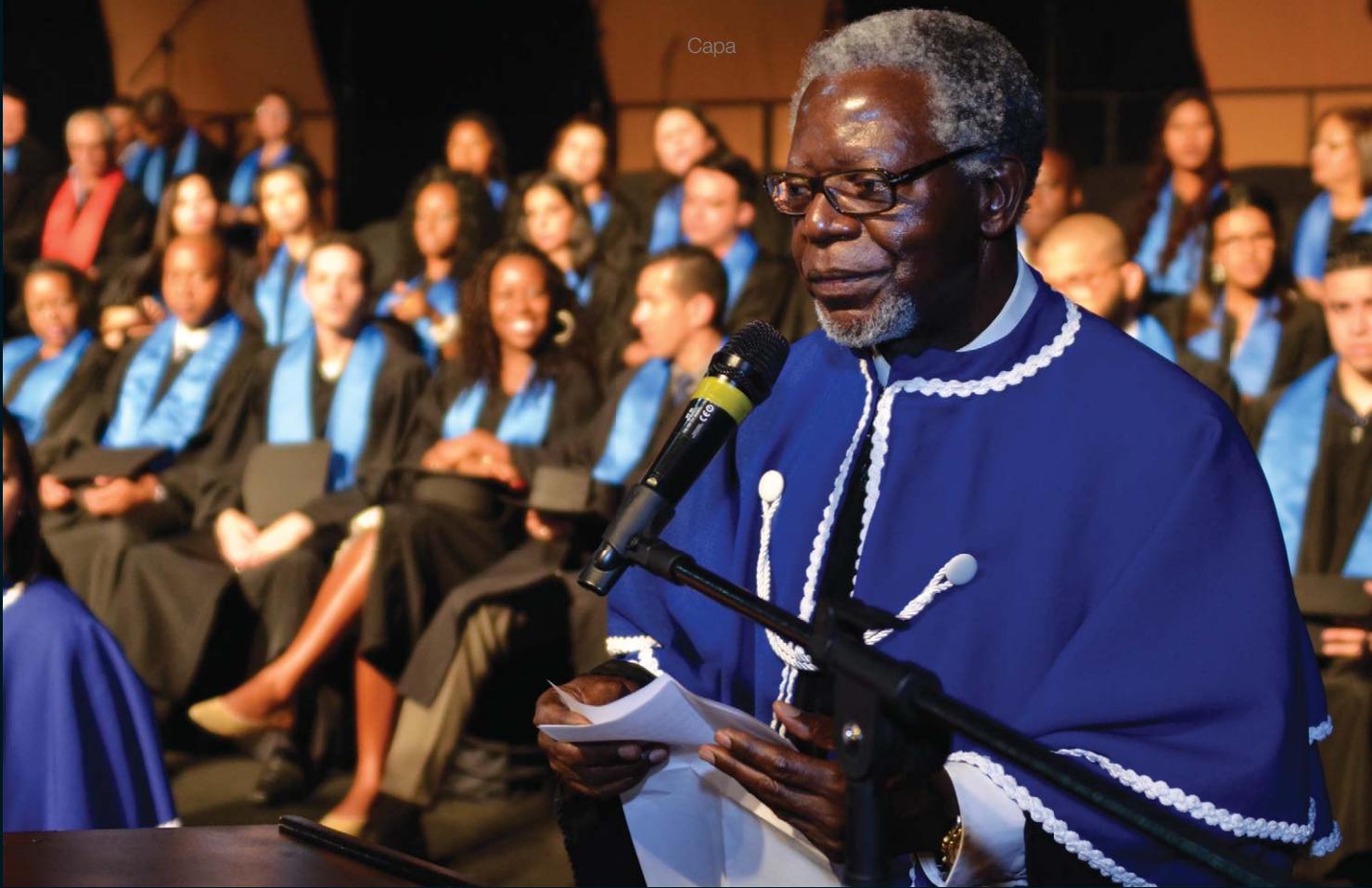




Capa







Novo Portal do Sebrae.

Direto ao ponto.



Empreendedorismo



Planejamento



Pessoas



Organização



Mercado



Cooperação

O novo portal do Sebrae facilita a vida de quem já tem ou pretende ter um pequeno negócio. Busca inteligente, cursos *online*, soluções personalizadas para cada tipo de negócio.
Acesse o novo portal do Sebrae, cadastre-se e vá direto ao ponto.



www.sebrae.com.br



Finanças



Leis e Normas



Inovação



SEBRAE

Alice Coachman

(1924 – 2014)

Alice Coachman, a primeira negra a conquistar o ouro olímpico, mostrou ao mundo que a superação, dos limites e da discriminação racial, está ao alcance de todos.

Nascida em Albany, no estado da Geórgia, nos Estados Unidos, Alice figurava, desde 1996, entre as 100 maiores figuras olímpicas da história. O feito da atleta, vencedora do salto em altura cravando a marca de 1,68m, quando tinha apenas 24 anos, aconteceu nas Olimpíadas de 1948, em Londres. Ao todo, Alice obteve 34 títulos americanos e foi campeã por 10 anos seguidos. A atleta foi ainda precursora na área da publicidade

entre os atletas, quando em 1952, assinou um contrato de patrocínio com a Coca-Cola, sendo a primeira mulher negra a conseguir tal feito.

O falecimento em julho, aos 90 anos de idade, devido a precariedade de sua saúde após sofrer um AVC, deixa escrito o nome de Alice na eternidade. Uma mulher de família humilde e sem acesso a instalações esportivas devido à leis de segregação racial da época, que treinava correndo descalça e improvisava com cordas e panos amarrados para pular ou saltar. Uma mulher de garra! ■

Saiba mais em: zumbidospalmares.edu.br e faça parte desta história.

flag



Para viver um sonho é preciso lutar por ele. Faculdade Zumbi dos Palmares. 10 anos.

Ao longo desses 10 anos, a Faculdade Zumbi dos Palmares tem ajudado o Brasil a mudar, a reconhecer e valorizar as diferenças. A se orgulhar mais de sua gente e de sua raça. A ser mais justo, plural e inclusivo. Essa luta, que completa uma década, está longe do seu final, mas certamente já tem um legado de conquistas importantes: a aprovação da Lei de Cotas Raciais, o aumento do número de estudantes negros nas universidades e a inserção do negro no mercado de trabalho em posições de gerência e direção em todos os setores da economia. Conquistas que nos enchem de orgulho e responsabilidade, e que nos estimulam a continuar trabalhando para tornar o negro cada vez mais reconhecido e valorizado.



10 anos fazendo a diferença através da educação.

**Quando sua empresa diz
não ao trabalho infantil,
muita gente pode dizer
sim para sua marca.**

Invista nas crianças e adolescentes do Brasil e tenha o selo de reconhecimento da Fundação Abrinq.

Seja uma Empresa Amiga da Criança.

Saiba mais pelo site
www.fundabrinq.org.br/peac
ou pelo telefone 11 3848 4870

Uma iniciativa:



Save the Children

